

O Lelé na UnB (ou o Lelé da UnB)

Andrey Rosenthal Schlee

De Encantado para Brasília

*La vida es una hoguera
Que quema toda ilusión
La vida también regala
gente divina de corazón
La vida también regala
gente divina de corazón*
(Fito Paez)

O resultado do concurso que escolheu o plano da nova capital foi divulgado em 1957. Naquele momento, Brasília já era um canteiro de obras. Para executá-las, milhares de brasileiros, com ou sem qualquer tipo de formação, deslocaram-se para o Planalto Central e, dia a dia, emprestaram seus maiores esforços e despenderam suas melhores energias. Muitos seriam chamados de Candangos. Entre eles estava um carioca – de Encantado¹ – com apenas 25 anos: João Filgueiras Lima, o Lelé.

Ele era um recém formado. Havia concluído o curso de arquitetura em 1955. Na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro conhecera e acompanhara o mestre Aldary Henriques Toledo, arquiteto-adjunto do Escritório Técnico da Universidade do Brasil²; funcionário do IAPB, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários; e profissional já reconhecido pelo conjunto de obras que projetara em Cataguazes (MG), ao lado de Oscar Niemeyer, Francisco Bolonha, Luiz Góes Telles, Edgar Guimarães do Valle e Gilberto Lyra Lemos, entre outros. Por indicação de Aldary Toledo e estímulo de Oscar Niemeyer, Lelé mudou-se para Brasília em 1957.

Com a aprovação do plano Lucio Costa, o ritmo das construções foi acelerado. A Asa Sul passou a ganhar forma e volume. Autarquias e institutos federais trataram de construir boa parte dos blocos residenciais. Foi o caso do IAPB que, com recursos do Departamento Nacional de Previdência Social, construiu onze blocos na superquadra 108 Sul, num total de 456 unidades residenciais. Apartamentos projetados por Oscar Niemeyer e executados pela ECISA - Engenharia, Comércio e Indústria S.A.

Coube a Lelé atuar diretamente no canteiro da 108, realizando, com muita dificuldade, de tudo um pouco. “Fui lá para construir, e não par projetar. Tive de desenvolver meus conhecimentos técnicos, pois, naquela época, não havia nem como me comunicar com o Rio. Se eu não tivesse adquirido certa base técnica e estudado bastante construção, não teria conseguido fazer nada”³. No entanto, os sacrifícios foram recompensados. Mais importante do que a experiência adquirida, foi a sua aproximação com Oscar Niemeyer que contou (e durou...).

Em 1960, Brasília foi inaugurada. As obras da 108 estavam concluídas e Lelé casou com a arquiteta Alda Rabello Cunha. Ainda no mesmo ano, o presidente Juscelino Kubitschek encaminhou ao Congresso Nacional mensagem solicitando autorização para

¹ Bairro de classe média e média-baixa localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

² O arquiteto-chefe era Jorge Machado Moreira. O Escritório Técnico desenvolveu, de 1949 a 1962, o Plano Geral da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão.

³ João Filgueiras Lima. Entrevista a Ledy Valporto Leal. Disponível em: www.arcoweb.com.br. Acesso em: 5 maio 2010.

a criação da Universidade de Brasília. Logo Darcy Ribeiro, Cyro dos Anjos e Oscar Niemeyer passaram a compor a comissão encarregada de pensar a nova Universidade. A eles, viria juntar-se Alcides da Rocha Miranda, outro carioca, o representante do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na nova Capital (mais uma vez tradição e modernidade estavam reunidas).

Finalmente, em 1961, o presidente João Goulart sancionou a lei⁴ que autorizou o Poder Executivo a estabelecer a “Fundação Universidade de Brasília”, uma instituição autônoma não governamental administrada por um Conselho Diretor⁵. Lei que também definiu o patrimônio inicial da Fundação, em parte constituído por terrenos destinados à construção “de uma Universidade em Brasília” (257 hectares no Plano Piloto) e pelas projeções correspondentes a doze superquadras situadas na asa norte. Por sua vez, a “Universidade” seria formada por Institutos Centrais e por Faculdades. Enquanto aos primeiros caberia “ministrar os cursos básicos, de ciências, letras e artes”, aos segundos, corresponderia à tarefa de “ministrar cursos de graduação para a formação profissional e técnica”. Ambos ofereceriam, de forma integrada, cursos de pós-graduação. A estrutura educacional era relativamente simples, quatro semestres de nível básico (“cursos introdutórios para todos os alunos da Universidade, a fim de lhes dar preparo intelectual e científico básico”⁶), seis de nível de formação (bacharelado e graduação) e mais quatro de estudos de pós-graduação (doutorado). Ao todo, seriam oito institutos e seis faculdades⁷, todos criados com apoio de seus respectivos departamentos didáticos e centros de pesquisa.

No caso específico da arquitetura, os estudantes cursariam as disciplinas correspondentes ao básico, ofertadas pelos diferentes institutos e receberiam treinamento especializado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (apoiada pelo Centro de Planejamento Regional, Ceplan). A previsão original era formar arquitetos, arquitetos paisagistas, arquitetos em construção civil, arquitetos de interiores, desenhistas industriais e urbanistas e planejadores regionais⁸. Dos institutos, o Central de Artes (ICA) foi o único que não recebeu um currículo fechado, uma vez que pensado para propiciar uma consistente vida cultural no interior da futura cidade universitária, e da própria Capital. Segundo o Plano Orientador da Universidade, ao Instituto de Artes caberia ainda investir “na formação artesanal e no apuramento do gosto dos estudantes de arquitetura, de desenho industrial, da arte do livro, das artes gráficas e plásticas, na formação dos especialistas no uso de meios áudios-visuais de difusão cultural e de educação”⁹. Para tanto, foram contratados importantes e reconhecidos profissionais, como Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, Glênio Bianchetti, Cláudio Santoro, Décio Pignatari, Jean-Claude Bernadet, Nelson Pereira dos Santos, Paulo Emílio Salles

⁴ BRASIL. Lei nº 3998, de 15 de dezembro de 1961. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências.

⁵ O primeiro Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília foi formado por Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Hermes Lima, Abgar Renault, Oswaldo Trigueiro e frei Mateus Rocha; e pelos membros suplentes Alcides da Rocha Miranda e João Moojen de Oliveira.

⁶ “UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA”, *Plano Orientador da Universidade de Brasília*, Brasília, EdUnB, 1962, s.p.

⁷ Institutos Centrais de: Matemática, Física, Química, Geociências, Biologia, Ciências Humanas, Letras e Artes; e Faculdades de Engenharia, Educação, Direito-Economia-Administração-Diplomacia, Ciências Agrárias, Ciências Médicas e Arquitetura e Urbanismo.

⁸ “UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA”, *Plano Orientador da Universidade de Brasília*, Brasília, EdUnB, 1962, s.p.

⁹ “UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA”, *Plano Orientador da Universidade de Brasília*, Brasília, EdUnB, 1962, s.p.

Gomes, entre muitos outros. José Zanini Caldas, sem formação escolar, fora contratado como encarregado da oficina de maquetes.

Gozando de autonomia financeira, didática, administrativa e disciplinar, a Universidade deveria “empenhar-se nos estudos dos problemas relacionados com o desenvolvimento econômico, social e cultural do país”¹⁰. Uma instituição inspirada e inspiradora, que nasceu a partir da articulação de três cursos então considerados provisórios ou transitórios: 1) Direito-Economia-Administração, coordenado por Vitor Nunes Leal; 2) Letras Brasileiras, coordenado por Cyro dos Anjos e 3) Arquitetura e Urbanismo, coordenado por Oscar Niemeyer e Lucio Costa – esse, mais uma vez, numa condição *ad hoc*. Cabendo a Niemeyer, de fato, montar o quadro docente do novo curso, como testemunhou o próprio Lelé:

“Passei a trabalhar diretamente com Oscar em 1961(...) Ele convocou-me inicialmente para chefiar o DUA, ocupando o lugar de Nauro¹¹ que havia se afastado de Brasília. Devido às dificuldades criadas pela então Prefeitura de Brasília para a minha contratação, **Oscar resolveu me indicar para a Secretaria Executiva do Ceplan** (Centro de Planejamento da Universidade de Brasília). Foi um período de muito trabalho. Além de acompanhar os projetos e construções da universidade recém-criada por Darcy Ribeiro, assumi também o setor de tecnologia do curso de arquitetura. **Ítalo Campofiorito foi designado por Oscar para a Secretaria Executiva do curso**”¹² (grifo nosso).

Conforme citado, Niemeyer não se furtou da tarefa, rapidamente convocando para atuar na Universidade arquitetos de seu círculo de amizade, muitos dos quais havia conhecido em Brasília ou já trabalhavam com ele no Rio de Janeiro e na DUA, o Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Novacap.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo entrou em funcionamento em 1962, com sede temporária na Esplanada dos Ministérios e com atividades *in loco* no canteiro de obras do futuro *campus*. Ou seja, o objeto de estudo era a própria cidade de Brasília e o campo de treinamento prático a Universidade em construção. Ficando os alunos constantemente sob orientação dos professores ou instrutores (alunos de pós-graduação), todos participando diretamente das tarefas relacionadas com o desenvolvimento dos projetos dos edifícios, equipamentos e mobiliário para a cidade universitária. O ensino estava organizado em três segmentos fundamentais: o da Composição e Planejamento, dirigido por Glauco Campello; o da Tecnologia, dirigido pelo próprio Lelé; e o da Teoria e História, dirigido por Edgar Graeff. Oscar Niemeyer era o coordenador geral e Ítalo Campofiorito o secretário executivo. Alcides da Rocha Miranda coube a direção do Instituto Central de Artes.

“Assim como o ICA, a graduação era assistida pela pós-graduação, tendo no Ceplan – Centro de Planejamento uma estrutura peculiar de apoio que, além de responder pelos projetos do *Campus*, viabilizava na prática a ação dos pós-graduandos. Estamos novamente em face do ensino e sua aplicação; isto é, em face do viés bauhauseano: o corpo teórico que se preocupa com as leis da forma, o conhecimento da natureza e domínio dos materiais, das técnicas

¹⁰ BRASIL. Lei nº 3998, de 15 de dezembro de 1961. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências. Art.10º.

¹¹ Arquiteto Nauro Esteves.

¹² João Filgueiras Lima (Lelé), “Crônicas de Brasília 1957/1961”, *AU Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, nº 192, p. 68-71, Março, 2010. p. 71.

e dos processos produtivos, todos voltados para sua utilização conforme os preceitos éticos do comprometimento social comum. **O Ceplan foi responsável à época pelo maior canteiro de pré-moldagem da América Latina. Era, portanto, um campo de experimentação exitosa que objetivava a pré-fabricação da construção no país**¹³ (grifo nosso).

Ainda em 1962, cerca de vinte “jovens arquitetos e engenheiros” foram selecionados para participar de um pioneiro curso de pós-graduação e, “ao lado dos estudos em seminários e dos programas de treinamento”¹⁴, passaram a exercer a função de instrutores na graduação. Coube a Lelé, também, coordenar o curso de pós-graduação, especialmente atuando no tronco de técnicas da construção, pré-industrialização e pré-fabricação. Uma importante história ocorrida na UnB que, embora reconhecida por muitos, ainda está por ser registrada, permanecendo na memória daqueles que a testemunharam. Segundo depoimento do ex-instrutor e ex-reitor da UnB, João Cláudio Todorov:

“Éramos os *instrutores* ao mesmo tempo alunos de pós-graduação e professores e exercíamos a docência sob a direção dos pesquisadores mais qualificados. Muitos deles eram nossos orientadores de tese. Estipulou-se que ao final de dois anos, o *instrutor* deveria apresentar sua tese e com título de Mestre poderia candidatar-se ao concurso de ingresso na carreira docente, como assistente”¹⁵.

O tema da industrialização da construção estava na base da UnB. De um lado, em função dos próprios objetivos e compromissos da Instituição – buscar soluções para os problemas do Brasil –, de outro por razões pragmáticas, pois era necessário cumprir um ambicioso programa de obras em um curto espaço de tempo. Darcy Ribeiro impôs o ritmo das obras e os arquitetos do Ceplan optaram pela pré-fabricação.

As primeiras construções inteiramente concluídas do *campus* foram os pavilhões chamados de OCA I e OCA II. Edifícios lineares de dois pavimentos, caracterizados pela utilização do sistema de arquitetura industrializado em madeira (SR2), desenvolvido pelo arquiteto Sérgio Rodrigues. Logo foram finalizadas as edificações destinadas à Faculdade de Educação, projeto de Alcides da Rocha Miranda, José Manoel Lopes da Silva, Luís Humberto Martins Pereira, com a colaboração de José Manuel Kluff Lopes da Silva e Alex Peirano Chacon. A partir de 1962 foram projetadas obras fundamentais, como os pavilhões de serviços gerais SG1, SG2 e SG3; o pavilhão SG8 (auditório); o pavilhão SG10 (Ceplan); o protótipo habitacional (célula pré-fabricada em concreto armado); o Instituto Central de Ciências (ICC ou “Minhocão”); e o Instituto de Teologia; todos de autoria de Oscar Niemeyer, com a forte participação de Lelé, especialmente no desenvolvimento das peças pré-fabricadas.

De autoria do próprio Lelé, foram então projetados os chamados **Galpões para Serviços Gerais** (SG9, SG11 e SG12)¹⁶, cuja função era abrigar, na medida do possível, o maior número de atividades identificadas com a Universidade. Assim, o arquiteto

¹³ Roberto Castelo, *A Universidade de Brasília – As lições do passado*, Palestra proferida em 12 de abril de 2010 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, Brasília: inédita, 2010.

¹⁴ “UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA”, *Plano Orientador da Universidade de Brasília*, Brasília, EdUnB, 1962. s.p.

¹⁵ João Cláudio Todorov, “UnB: um depoimento”, *Cartas: falas, reflexões, memórias*, Brasília, nº1, p. 55-59, Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1991, p. 57.

¹⁶ 1962 (projeto), 1964-1965 (construção do SG-11 e SG-12), 1968 (adaptação funcional - Tecnologia) e 1969 (construção do SG-09). O prédio SG-9 foi construído em 1969 – em alvenaria convencional – para abrigar a Oficina de Mecânica da Faculdade de Tecnologia pela construtora ENAR.

imaginou uma grande estrutura pré-fabricada, capaz de, simultaneamente, proteger e gerar um espaço interno livre de divisórias, portanto, muito flexível. O sistema estrutural proposto considerou a construção de uma malha de pilares de concreto, locados a cada 8 metros no sentido longitudinal e afastados, respectivamente, 11, 4 e 11 metros no sentido transversal. Sobre os pilares periféricos foram apoiadas vigas com 8m de vão e sobre os pilares centrais duplos, grandes vigas-calhas (de 4x8m). Finalmente, esses conjuntos passaram a sustentar, a cada metro, vigas de cobertura (com 15m) intercaladas por chapas de alumínio. O resultado é um edifício muito simples e competente no que se propunha. O interior é configurado por duas longas alas livres intercaladas por uma espécie de galeria central (galeria de tubulações no subsolo, área de circulação no pavimento térreo e calha de recolhimento pluvial na cobertura). Considerando maior flexibilidade espacial e a necessidade de crescimento das unidades abrigadas nos “galpões”, Lelé projetou a possibilidade de construção de uma “sobreloja” ou mezaninos atirantados nos vigamentos de cobertura e acessíveis por meio de escadas metálicas.

O arquiteto também projetou oito blocos de “Residências Coletivas”, dos quais foram executados apenas quatro na chamada “Colina” (hoje Colina Velha)¹⁷. A idéia era prover a Universidade de moradias para alunos, professores e técnicos. No Ceplan estão arquivados desenhos de espaços realmente coletivos, com pavimentos contendo apenas seqüências de dormitórios individuais e pavimentos com unidades familiares completas. Segundo o Memorial que acompanha o projeto, o conjunto oferece três tipos de apartamentos, com áreas de 144m², 108m² e 84m². As áreas correspondentes a sala e quartos são flexíveis, permitindo que o dimensionamento desses espaços se ajuste corretamente ao programa de cada família. O sistema construtivo adotado utiliza os conjuntos de circulação vertical fundidos no local, como elementos de contraventamento e rigidez da construção. Esses elementos suportam as estruturas pré-moldadas que constam de vigas de seção U protendidas de 13 toneladas, formando conjuntos rotulados do tipo *gerber* com vãos de 13 e 15m. Neles se apóiam as lajes nervuradas, também protendidas, que constituem os pisos dos apartamentos. As instalações elétricas e hidráulicas alojam-se, aparentes, no seio da viga U. A obra foi executada pela empresa Christiani-Nielsen.

Como complementação do conjunto de Residências Coletivas, ficou arquivado no Ceplan um interessante projeto de “*playground*” para a Colina, desenho de 1964, assinado “Lelé”.

Por fim, ainda do mesmo período, temos a construção do Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM), de Glauco Campello; e do Conjunto Residencial São Miguel (SQN 107), de Sérgio Souza Lima e Mayume Watanabe.

Estudadas em bloco, as edificações projetadas na UnB de 1962 a 1965, podem ser consideradas como a mais importante experiência de racionalização da construção ocorrida no Brasil até então. A própria execução de Brasília havia exigido ações nesse sentido, no entanto a cadeia produtiva da construção não estava em condições de, naquele momento, dar as respostas necessárias e superar a fase artesanal. Lelé, por conta própria, havia experimentado o desenvolvimento de projetos industrializados em madeira no canteiro da 108 e da 109 Sul. Segundo o arquiteto, “Oscar [Niemeyer] sempre viu isso como uma necessidade, mas nunca pôs em prática porque as

¹⁷ 1962 (projeto) e 1963 (construção). Há também outros blocos residenciais, projetados em 1988 por Paulo Marcos de Paiva Oliveira para a Colina Nova.

companhias construtoras não estavam familiarizadas com o processo, e seria difícil para nós impor o sistema”¹⁸. Assim, foi na UnB – com apoio incondicional de Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro – que Lelé pode encontrar (ou providenciar) as condições materiais para criar um “grande centro de construção industrializada, um centro de tecnologia que seria usado pela Universidade”¹⁹. À experiência acumulada nas obras de Brasília, Lelé somou o conhecimento vivenciado nos canteiros de pré-fabricação do antigo Leste Europeu (Rússia, Polônia, Alemanha e, especialmente, Tchecoslováquia). A viagem de 1962 foi patrocinada pela Instituição e compartilhada, também, com Sabino Barroso, arquiteto da DUA. Ao retornar, Lelé propôs a montagem de uma fábrica de pré-fabricados (o que não chegou a se concretizar):

“Fizemos uma série de projetos – **era um grupo: alguns projetos são meus, mas outros são em parceria com o Oscar**. O embrião da pré-fabricação foi a Universidade, embora a fábrica não tenha se concretizado por causa da revolução. O ICC – Instituto Central de Ciências a UnB, conhecido como Minhocão – **um projeto grande de Oscar, para o qual estudei a parte da industrialização, foi todo feito em pré-fabricado**”²⁰ (grifo nosso).

Da UnB para o Mundo

*La vida me ha dado mucho
Pero también me quitó
La vida es este río
de maravillas y de dolor
La vida es este río
de maravillas y de dolor*
(Fito Paez)

Desde o golpe militar de abril de 64, a jovem UnB encontrava-se em crise, uma vez vigiada e tolhida de liberdade. O clima de intranquilidade acirrou-se, quando professores começaram a ser perseguidos e exonerados por questões ideológicas, entre eles os arquitetos Edgard A. Graeff e José Zanini Caldas. A crise culminou em 1965, com a invasão do *campus* por tropas policiais e pelo corajoso pedido de demissão coletivo de 223 docentes (79% do quadro institucional). Era a “Utopia Vetada” ou “Universidade Interrompida” nas palavras, respectivamente, de Darcy Ribeiro²¹ e de Roberto Salmeron²².

Da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo demitiram-se: Lelé, Oscar Niemeyer, Glauco Campello, Ítalo Campofiorito, Abel Acioly Carnaúba, Afonso Leiva Galvis (i)²³, Armando Andrade Pinto (i), Armando de Holanda Cavalcanti (i), Carlos Machado Bittencourt, Darcy de Souza Pinheiro, Evandro Pinto Silva, Fernando Lopes Burmeister, Geraldo Sá Santana (i), Geraldo Sá Nogueira Batista, Hilton Gerson Costa, Jayme Zettel, José Anchieta Leal, José de Souza Reis, Lúcia Maria Pontual Machado, Luís Henrique Gomes Pessina, Márcia Aguiar Nogueira Batista (i), Maria Clementina

¹⁸ João Filgueiras Lima, *O que é ser arquiteto: memórias profissionais de Lelé (João Filgueiras Lima)*, Entrevista a Cynara Menezes, Rio de Janeiro, Record, 2004. p. 51.

¹⁹ João Filgueiras Lima, *op. cit.*, p. 46.

²⁰ João Filgueiras Lima, *op. cit.*, p. 54.

²¹ Darcy Ribeiro, *UnB: invenção e descaminho*, Rio de Janeiro, Avenir, 1978.

²² Roberto Salmeron, *A Universidade interrompida. Brasília 1964-1965*, Brasília, EdUnB, 1999.

²³ O (i) indica “instrutor”.

da Silva Duarte (i), Oscar Borges Kniepp, Philomena Chagas Freitas, Sérgio Pereira de Souza Lima, Shyan Janveja, Virgílio Ernesto Souza Gomes e William Ramos Abdalah (i). Do Instituto Central de Artes, vale lembrar, pelo menos os nomes dos arquitetos Alcides da Rocha Miranda, Elvin Donald Mackay Dubugras, Hugo Mund Jr. e Fernando Machado Leal.

Entre perseguições, demissões, invasões e tentativas fracassadas de funcionamento, a UnB sucumbiu. Seja porque vetada ou interrompida, o sentimento que ficou foi o de fracasso ou frustração. Nas palavras de Darcy Ribeiro, a UnB foi o projeto mais ambicioso da intelectualidade brasileira, complementando: “quiséramos que ela não fosse, essencialmente, uma fábrica de médicos para cuidar da saúde dos ricos... Nosso alvo era forçá-la a formar também, e até principalmente, médicos de olhos postos na saúde pública... Nosso propósito era **produzir na cidade inovadora uma gente nova de mentalidade renovada, sem nenhum complexo de inferioridade colonial e sem nenhuma subserviência classista**”²⁴, para concluir “aquelas eram, porém, ambições de outras gentes e de outros tempos. Melhores penso eu...”²⁵(grifo nosso).

No entanto, embora concordando com Darcy Ribeiro, é necessário reconhecer que, no caso particular de Lelé, o conhecimento técnico oferecido pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro; a exigência do professor de concreto, o engenheiro Décio Moreira da Rocha; a influência do arquiteto Aldary Toledo; e o trabalho no canteiro de obras da 108 Sul, contariam muito pouco se não fosse a experiência exitosa da Universidade de Brasília, de 1962 a 1965. Ou seja, “foi na UnB que nasceu, de fato, o arquiteto Lelé”.

Sem a UnB de Darcy Ribeiro, a 108 seria simplesmente mais uma obra executada, Aldary Toledo mais um amigo conquistado, o concreto armado mais um conhecimento adquirido e a Belas Artes mais um curso cursado. Foi a UnB que potencializou o arquiteto que vivia em Lelé. E, ao fazê-lo, a jovem Instituição cumpriu com o seu papel, produzindo na “cidade inovadora uma gente nova de mentalidade renovada”. E, desde então, Lelé tem sido fiel aos princípios e ensinamentos da Instituição que ajudou a fundar.

“A experiência da UnB foi muito rica sob o ponto de vista profissional e me possibilitou estreitar as relações com muitos amigos ilustres como Darcy Ribeiro, Frei Mateus Rocha, Athos Bulcão, Edgar Graeff, Ítalo Campofiorito, Glauco Campello, Roberto Salmeron e muitos outros que **foram fundamentais para meu aprimoramento intelectual e profissional**”²⁶ (grifo nosso).

“Da UnB Lelé saltou para o Mundo!” Construindo uma obra bastante rica, tanto do ponto de vista da quantidade como – e principalmente – da qualidade. Uma obra original (talvez única e de difícil taxionomia), comprometida e de comprometimento, realizada por um profissional que soube passar do discurso fácil para a difícil prática, fazendo da sua arquitetura um instrumento real de transformação social – basta aqui lembrar as suas fábricas de hospitais, as suas fábricas de equipamentos urbanos e as suas fábricas de escolas... E não era isso que Darcy Ribeiro queria para a UnB?

Mesmo assim, é interessante destacar a maneira inconstante como a historiografia da arquitetura brasileira fez referência a Lelé. Yves Bruand finalizou *Arquitetura*

²⁴ Darcy Ribeiro, *UnB: invenção e descaminho*, Rio de Janeiro, Avenir, 1978. p. 73.

²⁵ Darcy Ribeiro, *op. cit.*, p. 134.

²⁶ João Filgueiras Lima (Lelé), “Crônicas de Brasília 1957/1961”, *AU Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, nº 192, p. 68-71, Março, 2010, p. 71.

*contemporânea no Brasil*²⁷ em 1971, mas apenas concentrou suas análises até aproximadamente 1960, desconsiderando, portanto, as primeiras obras do arquiteto (embora tenha citado a Universidade de Brasília²⁸). Coube a Sylvia Ficher e a Marlene Acayaba colocar em evidência, internacional e nacional, o campus da UnB e a arquitetura de Lelé, no capítulo especialmente dedicado ao Brasil do *International handbook of contemporary developments in architecture*²⁹, organizado em 1981 por Warren Sanderson. Em 1982, o material foi reeditado como o livro *Arquitetura moderna brasileira*³⁰. No mesmo ano, quatro obras de Lelé foram incluídas no panorama *Arquitetura brasileira atual*³¹, escrito por Ruth Verde Zein para a revista Projeto (mas a autora não o citou no livro *O lugar da crítica*³², de 2001). Da mesma forma, outras duas obras foram selecionadas para o *Arquiteturas no Brasil/Anos 80*³³, editado por Hugo Segawa (que não o destacou no livro *Arquiteturas no Brasil*³⁴, de 1998). Já Carlos Lemos, no capítulo *Arquitetura contemporânea*³⁵ (1983), apenas fez referência a Lelé em uma legenda de ilustração, mesmo assim como Hospital de “Tabatinga”(sic).

Por sua vez, é de 1985 o famoso depoimento de Lucio Costa que, com perspicácia, considerou Lelé o “elemento que estava faltando para preencher a grave lacuna no desenvolvimento da nossa arquitetura”³⁶. A partir de então, e principalmente com Lelé desenvolvendo os hospitais da Rede Sarah, inúmeros artigos foram publicados nas principais revistas nacionais sobre a sua obra. Em 1996, Elane Ribeiro Peixoto³⁷ produziu, provavelmente, a primeira dissertação sobre Lelé e, em 1999, foi lançado o importante livro *João Filgueiras Lima. Lelé*³⁸, organizado por Giancarlo Latorraca e Marcelo Ferraz.

Por fim, e ainda no campo dos manuais de história da arquitetura nacional, é de se lamentar a ausência de Lelé no primeiro volume de *Arquitetura Brasil 500 anos*³⁹ (2002), especialmente no capítulo dedicado à Brasília, e destacar a sua inclusão no *Arquitetura moderna brasileira*⁴⁰ (2004). No campo internacional, em 2009, a revista francesa *Le visiteur*⁴¹ dedicou número especial à obra do arquiteto, com artigos assinados por Maria Elisa Costa, Judith Rotbart e Laurent Salomon, André Correa do

²⁷ Yves Bruand, *Arquitetura contemporânea no Brasil*, São Paulo, Perspectiva, 1981.

²⁸ Yves Bruand, *op. cit.*, p. 221.

²⁹ Sylvia Ficher, Marlene Acayaba, “Brazil”, in: Warren Sanderson (org.), *International handbook of contemporary developments in architecture*, Connecticut, Greenwood, 1981, p. 153-173.

³⁰ Sylvia Ficher, Marlene Acayaba, *Arquitetura moderna brasileira*, São Paulo, Projeto, 1982, p. 85-93.

³¹ Ruth Verde Zein. “Arquitetura brasileira atual”, *Projeto*, São Paulo, nº 42, julho 1982, p. 120, 122, 123 e 134.

³² Ruth Verde Zein, *O lugar da crítica. Ensaios oportunos de arquitetura*, Porto Alegre, Ritter dos Reis, 2001.

³³ Hugo Segawa (Ed.), *Arquiteturas no Brasil / Anos 80*, São Paulo, Projeto, 1988.

³⁴ Hugo Segawa, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, São Paulo, EdUSP, 1998. Sobre Lelé, ver foto na página 177 e citação na página 197.

³⁵ Carlos Lemos, “Arquitetura contemporânea”, in: Walter Zanini, *História geral da arte no Brasil*, São Paulo, Instituto Walter Moreira Salles, 1983. p. 862.

³⁶ Lucio Costa, in: Giancarlo Latorraca (Ed.), *João Filgueiras Lima, Lelé*, São Paulo/Lisboa, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi/Editorial Blau, 1999.

³⁷ Elane Ribeiro Peixoto, *Lelé – O arquiteto João da Gama Filgueiras Lima*, Dissertação (mestrado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1996.

³⁸ Giancarlo Latorraca (Ed.), *op. cit.*

³⁹ Roberto Montezuma (org.), *Arquitetura Brasil 500 anos, uma invenção recíproca*, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

⁴⁰ Elisabetta Andreolo, Adrian Forty (orgs.), *Arquitetura moderna brasileira*, New York, Phaidon, 2004.

⁴¹ *Le Visiteur*, Revue Critique d’Architecture, nº 14, Paris, nov. 2009.

Lago, Ana Luiza Nobre, Cláudia Estrela Porto, e Hugo Segawa e Ana Gabriella Lima Guimarães.

Para se ter uma idéia da quantidade de obras projetadas por Lelé, basta que se verifique o que realizou para o Distrito Federal (fora da UnB): a residência para Ministro de Estado (1965), a DISBRAVE Veículos (1965), o Hospital de Taguatinga (1968), o Convento de Frei Mateus (1968*)⁴², a residência Aloysio Campos da Paz (1969), a oficina gráfica do Correio Braziliense (1971*), a sede da revenda Planalto Automóveis (1972), a residência Rogério Ulyssea (1973), sede da CODIPE (1973*), os edifícios da Camargo Corrêa (1974), o Edifício Portobrás (1974), as garagens da Portobrás (1974*), a residência José da Silva Netto (1974), a Academia de Tênis (1974), as ampliações da DISBRAVE (1975 e 1985), a residência Nivaldo Borges (1975), a Clínica Daher (1977), o Centro de Aperfeiçoamento do Dasp (1977*), o Centro de Pesquisas Agropecuárias do Cerrado (1978), o Hospital Sarah Kubitschek Brasília (1980), o Centro Comunitário de Planaltina (1981*), a Associação Portuguesa (1984), o Hospital de Ceilândia (1984*), o Hospital Psiquiátrico de Taguatinga (1988), os Centros Integrados de Ensino (1990), o Centro de Apoio ao Grande Incapacitado Físico, Sarah Lago Norte (1995), as ampliações do Sarah Kubitschek Brasília (1995-1997), e a residência Roberto Pinho (2008)⁴³. No campo da aplicação da argamassa armada, Lelé montou as fábricas de Abadiânia - GO (de 1982 a 1984) e de Brasília (de 1985 a 1990), desenvolvendo projetos de escolas rurais⁴⁴ e urbanas, pontes e equipamentos urbanos, como os bancos e os abrigos de transporte público coletivo ainda existentes na UnB (o chamado “ponto de encontro”, por exemplo).

Na UnB é possível encontrar mais uma obra de Lelé, o **Almoxarifado Central** (1998). Edificação que se destaca apenas pelo sistema construtivo empregado, que utiliza peças pré-fabricadas em argamassa armada, desenvolvidas pelo arquiteto na Fábrica de Equipamentos Urbanos de Brasília. Construção pavilhonar de um pavimento, com áreas destinadas ao controle e depósito de material variado adquirido pela Instituição. A planta do prédio foi originalmente imaginada para uma escola e teve de ser adaptado para a nova finalidade. O *lay-out* interno da edificação foi desenhado por Maria do Carmo Thormann.

De Lelé para Darcy (Uma casa digna)

*Las cosas siempre suceden
Las más hermosas son sin querer
Qué suerte que hoy la alegría
tiene tu nombre y tu piel
Qué suerte que hoy la alegría
tiene tu nombre y tu piel*
(Fito Paez)

Darcy Ribeiro já estava muito doente. Ele vinha enganando a morte há algum tempo. E com Lelé dividiu o último sonho – um sonho compartilhado à distância. Mesmo assim, juntos debateram, discutiram e até (acho) desenharam. Lelé projetou o que Darcy

⁴² As datas seguidas de (*) significam que os projetos não foram executados.

⁴³ Lelé também colaborou com Oscar Niemeyer no desenvolvimento do Palácio da Justiça (Ministério), na residência do oficial da Vice-Presidência da República (Palácio Jaburu), no Setor Militar Urbano e também no Congresso Nacional e na Catedral.

⁴⁴ Ver João Filgueiras Lima, *Escola transitória modelo rural*, Brasília, MEC, Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico à Educação, 1984.

necessitava. “Uma casa digna” para a preservação do acervo de uma vida. Ou para o acervo de duas vidas. O de Darcy e de sua antiga companheira Berta Ribeiro. O projeto é de 1996, do mesmo ano da criação da Fundação que leva o nome do antropólogo. Um ano depois, em 1997, Darcy e Berta faleceram. Desde então Lelé lutou para tornar realidade o que, para o amigo, foi apenas mais um sonho.

Quem pesquisar no *site* da FUNDAR irá encontrar o que segue:

“Movida pelo entusiasmo e pela capacidade de gerar idéias do seu Instituidor, a FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO manterá o espírito de vanguarda e agirá em defesa e na melhoria da escola pública, laica, gratuita e em horário integral, colaborará, intensamente, para a preservação dos povos da floresta e da própria natureza, desenvolverá ações concretas para a realização e divulgação de todos os projetos sócio-culturais inscritos na sua visão”⁴⁵.

Criada a Fundação, restava outro problema. Onde depositar, e principalmente preservar, a cultura material produzida, coletada, colecionada e até acumulada ao longo de tantos anos? Quem deveria projetar a sede da FUNDAR? Darcy Ribeiro sempre teve dois arquitetos do coração: Oscar Niemeyer e Lelé. Com o primeiro, o educador criou a UnB, os CIEPs, o Sambódromo e o Memorial da América Latina. Para Darcy, Niemeyer projetou até uma morada, a casa de Maricá. Mas Darcy, mais uma vez tinha muita pressa, e Lelé – por recomendação de Niemeyer – foi o escolhido.

Projetou um edifício de planta circular com dois pavimentos, protegido por expressiva cobertura em formato de bulbo. Uma grande tenda a sombrear uma ilha. Uma genuína ilha do tesouro, toda cercada pela água de um jardim aquático. Segundo Lelé, o volume “lembra um pouco um disco voador ou uma mistura de maloca dos Xavantes com a dos Kamayanás...”⁴⁶. De fato, o projeto nasceu como uma síntese, bem ao gosto de Darcy Ribeiro. Lelé já havia experimentando pavilhões de planta circular nos primeiros estudos para os hospitais da Rede Sarah (1988). Mas foi na escola de excepcionais do Sarah Lago (Brasília, 1995) que a cobertura tomou corpo e virou modelo – não como maloca indígena, mas como carpa de circo. O modelo foi ainda reproduzido no bloco dos cartórios do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia (Salvador, 1997) e, em contraste com as ondas brancas da cobertura do pavilhão principal, lembra uma tenda árabe – como teria sido a Mesquita de Argel, de Oscar Niemeyer. Planta circular e cobertura expressiva remetem também a outra obra do mestre, a Catedral de Brasília.

Lelé fala apenas das malocas e dos discos voadores. Vai de um extremo, com um apurado trabalho artesanal, a outro, com uma precisa produção industrializada. Seu projeto para a FUNDAR têm a essência dos dois extremos. Reproduz a correção e a sofisticação de algumas soluções vernaculares, particularmente no que diz respeito ao conformo ambiental, e aplica o resultado de suas inúmeras pesquisas em técnicas e sistemas e construtivos. Sempre disposto a viajar, a estabelecer novos contatos e a interagir, Darcy Ribeiro referia-se ao projeto como um disco voador. Da mesma maneira como o arquiteto Buckminster Fuller, criador da expressão “espaçonave terra”, referia-se às suas *Dymaxion Dwelling Machine* – casas pré-fabricadas de alumínio reaproveitado do material bélico excedente da II Guerra Mundial.

⁴⁵ FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO. Disponível em: < <http://www.fundar.org.br/>>. Acesso em 5 de junho de 2010.

⁴⁶. Giancarlo Latorraca (Ed.), *op. cit.*, p. 246.

“Tanta gente tem fundação, por que eu não? Pensando assim decidi criar a minha Fundação Darcy Ribeiro. Foi muito bem recebida, felizmente. Minha filha, a UnB, decidiu acolhê-la em seu campus e até construir sua sede e mantê-la. Em compensação, recebem minha biblioteca de 30 mil livros, o arquivo documental Berta/Darcy, meus quadros e objetos de arte. Ainda melhor que isso é o prédio que o Lelé projetou pra mim. **Será um disco voador enorme, pousado no pedaço mais bonito do campus.** A Sala de Leitura, com 250 metros de diâmetro, será prodigiosa. Sem janelas, porque toda translúcida, graças à cobertura que deixa passar luz. No andar térreo, ficam vários serviços, inclusive o arquivo Berta/Darcy, um centro de documentação visual sobre os índios do Brasil e um serviço de reprodução em CD-ROM das dissertações de mestrado e das teses de doutorado sobre educação. A novidade maior é que, com medo de minha FUNDAR parecer vetusta demais, consegui do Lelé fazer dela um beijódromo, que corresponderá, em Brasília, ao Sambódromo que criei no Rio. Trata-se de um amplo palco ao ar livre para serestas e leitura de teatro e poesia, defronte de uma arquibancada para duzentos olharem a lua cheia e se acariciarem. **Eu, lá de longe, estarei vendo, feliz**”⁴⁷.

Existem, pelo menos, três versões do projeto: na primeira, o edifício de planta circular (Fundação Darcy Ribeiro⁴⁸) foi implantado totalmente sobre um espelho d’água, igualmente circular, apenas interrompido pela passarela de acesso. Na segunda versão, no lado oposto do acesso principal, foi acrescentado um anfiteatro ao ar livre (o “beijódromo”⁴⁹). Já na terceira, apresentada à UnB em 2010 (Biblioteca⁵⁰), o anfiteatro foi coberto por uma casca de policarbonato e telhas metálicas. Segundo o memorial descritivo da obra:

“Fundação Darcy Ribeiro – Biblioteca: edifício circular em dois pavimentos de 31,60m de diâmetro e 37m de diâmetro da cobertura, formando na parte central um espaço circular ajardinado com 12m de diâmetro e pé direito duplo. O nível térreo é apoiado no solo e o nível superior constituído de laje de concreto armado apoiada em 32 vigas radiais metálicas engastadas em 32 pilares também metálicos dispostos na periferia da construção e em anel circular interno que distribui sua carga para 8 pilares metálicos tubulares. A estrutura da cobertura é formada por 32 vigas radiais apoiadas externamente nas vigas do piso superior e internamente em anel metálico com 3m de diâmetro. A cobertura é composta com telhas especiais dobradas em chapas pré-pintadas de aço galvanizado e, no trecho correspondente ao espaço interno ajardinado, em chapas de policarbonato alveolado com 6mm de espessura. Internamente são dispostas, a modo de forro, lâminas de aço pré-pintado que funcionam como brises na área coberta com policarbonato. O prédio é totalmente circundado por lago formando um anel com diâmetro de 52m. O acesso ao prédio é constituído por uma ponte protegida por marquise metálica com 70m² de área construída. Na parte posterior do

⁴⁷ FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO. Disponível em: < <http://www.fundar.org.br/>>. Acesso em 5 de junho de 2010.

⁴⁸ Giancarlo Latorraca (Ed.), *op. cit.*, p. 246.

⁴⁹ Giancarlo Latorraca (Ed.), *op. cit.*, p. 247 e João Filgueiras Lima, *Fundação Darcy Ribeiro – Biblioteca* (álbum de desenhos, A4), Manuscrito, [1996].

⁵⁰ João Filgueiras Lima, *Fundação Darcy Ribeiro – Biblioteca*, Instituto Brasileiro de Tecnologia do Habitat, Anteprojeto (álbum de desenhos, A3), Manuscrito, [2009], s.p.

prédio foi prevista uma elevação com taludes de 2m de altura, executado com a própria terra resultante da escavação do lago. O talude voltado para o prédio, parcialmente revestido com placas de concreto, forma um pequeno teatro de arena. O palco ocupa a parte externa do lago e comunica-se com o prédio através de uma ponte⁵¹.

Lelé não desenhou a sede da Fundação Darcy Ribeiro. Menos ainda um memorial. Projetou, com o nome de biblioteca e “beijódromo”, apenas um grande símbolo. Que, erguido ao lado da Reitoria da Universidade de Brasília, nos jardins da sua Praça Maior, permanecerá pousado, lembrando a figura singular do criador da Instituição. Um símbolo a representar o “espírito de vanguarda” que uma Universidade deve ter. Um símbolo a lembrar nosso eterno compromisso na defesa da escola de qualidade, “pública, laica, gratuita e em horário integral”, como um dia sonhou Darcy Ribeiro.

⁵¹ João Filgueiras Lima, *Fundação Darcy Ribeiro – Biblioteca*, Instituto Brasileiro de Tecnologia do Habitat, Anteprojeto (álbum de desenhos, A3), Manuscrito, [2009], s.p.